

Arquiteto vê excessos nos projetos pessoais

"Aqui em Brasília, pelo fato de até o momento nunca ter tido uma eleição para governador, os administradores sempre chegaram ao poder com projetos muito mais pessoais do que realmente úteis para a população. Esse foi o caso de José Aparecido que queria aparecer na área da cultura e começou a construir um monte de monumentos". Com essas palavras, o presidente do Sindicato dos Arquitetos, Luiz Alberto Gouveia, justifica o fato de Brasília ser mais monumental do que talvez devesse ser.

Ele afirma que um monumento deve nascer de uma vontade explícita da população: "Mais ou menos como aconteceu em Volta Redonda, onde foi erguido um monumento para os trabalhadores". Outro aspecto levantado pelo sindicalista faz referência à autoria dessas obras. "Não é justo que só alguns artistas tenham a oportunidade de criar. Deveriam ser abertos concursos públicos toda vez que se pensasse em inaugurar um novo monumento. O melhor

projeto seria escolhido, assim como aconteceu antes da inauguração de Brasília", dispara.

Construir por simples vontade de uma só pessoa, na opinião de Gouveia, não é a melhor política para se erger um monumento. "Tudo é uma questão de prioridade. Entre gastar dinheiro com o Museu do Índio e urbanizar Samambaia, o governante tem de saber o que é mais importante para a cidade e sua população", comenta. Ele diz, no entanto, que isso não quer dizer que uma cidade não deva ter monumentos.

DEMOCRATIZAR

"Tudo tem um limite", alega. Gouveia reconhece que os monumentos existentes hoje na cidade já fazem parte de sua história e representam até mesmo selos turísticos. A única coisa que ele não admite é que o GDF se mobilize para construir um monumento, enquanto não tiver condições para pagar dignamente seus servidores ou apoiar, no mínimo, populações carentes.